

## **PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN: UMA INVESTIGAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE PELOTAS**

**MATEUS DOS SANTOS LIMA<sup>1</sup>; THÁBATA VIVIANE BRANDÃO GOMES<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – mateusdcs032@gmail.com* <sup>1</sup>

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – thabatagomes@yahoo.com.br* <sup>2</sup>

### **1. INTRODUÇÃO**

A educação física é fundamental para o desenvolvimento de alunos, promovendo melhorias cognitivas, afetivas e motoras, independentemente das deficiências. Os professores devem proporcionar vivências, adaptar as atividades às diferentes realidades dos alunos, criando ambientes inclusivos (FILHO et al., 2009).

A síndrome de Down (SD) é uma condição genética resultante de anormalidades no cromossomo 21, caracterizada pela presença de um cromossomo extra. A forma mais comum é a trissomia 21, que representa cerca de 95% dos casos é considerada a mais simples (SCHWARTZMAN, 2003).

Alunos com SD apresentam diversas dificuldades motoras, hipotonia muscular e hiperatividade articular que podem impactar o seu desenvolvimento e autonomia. Essas limitações podem prejudicar a participação tanto nas aulas de educação física quanto em atividades cotidianas, resultando em atrasos na aquisição de habilidades motoras (COPPEDE et al, 2012; CORRÊA et al., 2011). Também é comum que os alunos enfrentem desafios na comunicação, aprendizagem e no desenvolvimento de comportamentos sociais (LEITE et al, 2018).

A participação ativa de alunos com SD nas aulas de educação física pode trazer benefícios significativos, como melhorias na socialização, no equilíbrio emocional, no desenvolvimento psicomotor, no fortalecimento físico e na qualidade de vida. Além disso, as atividades adaptadas podem aprimorar a coordenação motora, a flexibilidade e a afetividade (ARRUDA; ALENCAR, 2018; CHAGAS, DA SILVA; DA SILVA, 2018). Por isto este estudo investigou a experiência dos professores de educação física que atuam com alunos com SD, explorando a quantidade de alunos com os quais trabalham, o tempo de atuação e a autopercepção dos docentes quanto à sua capacidade de atender às necessidades desses alunos.

### **2. METODOLOGIA**

O presente estudo representa um recorte de uma pesquisa mais ampla, que envolveu 19 professores de Educação Física atuantes com alunos com SD na rede municipal de Pelotas. A participação no estudo foi voluntária e consentida através do aceite digital do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) via *googleforms*.

Embora o questionário original contasse com 24 perguntas, neste estudo foram utilizadas 5 questões, sendo 2 sobre dados pessoais (idade e sexo) e 3 sobre a experiência com alunos com SD. Após obter a autorização do Comitê de Ética e receber carta de anuência da Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), que forneceu o número de 24 escolas com alunos com SD no município de Pelotas, as instituições foram contatadas para identificar os professores de Educação Física.

Foram solicitados os e-mails dos professores e, em seguida, enviado o convite para participarem da pesquisa, incluindo o link do questionário.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados foram obtidos a partir da análise dos dados do questionário e serão apresentados de forma descritiva em número absoluto e percentual das respostas.

Na seção relativa aos dados pessoais, a maioria da amostra foi composta por mulheres (68,4% - 13), homens (31,6% - 6), com uma idade média de 34,40 anos ( $\pm$  5,86 anos).

Quanto à experiência profissional com alunos com síndrome de Down, observou-se que 21,1% (4) dos professores trabalharam com 1 aluno, 63,2% (12) entre 2 e 5 alunos, e 15,8% (3) com mais de 10 alunos. Essa distribuição indica que, embora alguns professores tenham trabalhado com apenas um aluno, a maioria possui um contato mais abrangente com a população atendida.

Em relação ao tempo de atuação com alunos com SD, 42,1% (8) responderam que têm menos de 2 anos de experiência, enquanto 42,1% (8) atuam entre 2 a 8 anos e 15,8% (3) possuem mais de 8 anos de experiência. Essa variedade de tempo de atuação sugere que, apesar de alguns professores serem novatos, há uma quantidade maior de professores que atuam com situações relacionadas ao atendimento de alunos com SD.

Sobre a autopercepção do conhecimento necessário para atender às necessidades educacionais de alunos com SD, 47,4% (9) dos professores concordaram que se sentem capacitados, enquanto uma proporção igual (47,4%) expressou discordância, e 5,2% (1) discordou totalmente. Essa disparidade nas respostas evidencia a necessidade de formação contínua e desenvolvimento profissional, que pode acontecer via cursos de capacitação.

Pensando no processo de formação durante a graduação em educação física, a participação em projetos de extensão pode ser essencial. Como destacado por Da Silva, Silveira e Marques (2022), a participação traz aos futuros professores experiências práticas que vão além das aulas teóricas, permitindo que se familiarizem com as necessidades específicas de seus alunos.

Um estudo realizado com estudantes e profissionais da educação física que participaram como monitores de um projeto de extensão com pessoas com SD, destacou a importância da experiência na graduação para atuar com este público. A curricularização da extensão destaca a importância dessas vivências, promovendo uma formação mais inclusiva e contribuindo para uma sociedade mais justa e respeitosa (GOMES et al., 2023).

### **4. CONCLUSÕES**

O estudo revela que a experiência dos professores de Educação Física que atuam com alunos com SD é variável, com a maioria relatando atuação com poucos alunos e um tempo de experiência inferior a 8 anos. Apesar disso, a autopercepção sobre o conhecimento para atender às necessidades educacionais desses alunos mostrou-se dividida, com a metade dos professores expressando ter pouco conhecimento necessário para atender às necessidades educacionais de alunos com SD. Esses dados indicam a necessidade de formação contínua e de oportunidades

práticas para que os profissionais se sintam mais preparados e confiantes para atender à diversidade presente nas aulas de Educação Física.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARRUDA, R. M. S.; ALENCAR, G. P. A inclusão de alunos com Síndrome de Down nas aulas de Educação Física Escolar. **Revista Gestão Universitária**, v.10, 2018.
- CHAGAS, S. S.; DA SILVA, M. K.; DA SILVA, A. C. A importância da Educação Física para os portadores de Síndrome de Down. **Revista de Trabalhos Acadêmicos-Campos Niterói**, v.1, n.17, 2018.
- COPPEDE, A. C., CAMPOS, A. C. D., SANTOS, D. C. C., ROCHA, N. A. C. F. Desempenho motor fino e funcionalidade em crianças com síndrome de Down. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 19, p. 363-368, 2012.
- CORRÊA, J. C. F.; OLIVEIRA, A. R.; OLIVEIRA, C. S.; CORRÊA, F. I. A existência de alterações neurofisiológicas pode auxiliar na compreensão do papel da hipotonía no desenvolvimento motor dos indivíduos com síndrome de Down?. **Fisioterapia e Pesquisa**, v.18, p.377-381, 2011.
- DA SILVA, G. G.; SILVEIRA, J. R.; MARQUES, A. C. Inclusão, formação e educação física: uma análise na perspectiva dos professores. **Pensar a Prática**, v.25, 2022.
- FILHO, M. L. M.; CARAS, J. C. C. N.; VENTURINI, G. R. O.; SAVOIA, R. P. A importância das aulas inclusivas de Educação Física para os portadores de deficiência." **Lecturas, Educación Física y Deportes: revista digital**, v.14, n.139, 2009.
- GOMES, T. V. B., SILVEIRA, N. R., FARIA, M. R., NASCENTE, V. F., BENDA, R. N. Projeto carinho: Contribuições da participação em um projeto de extensão universitário com pessoas com deficiência na formação profissional em educação física. **Expresso Extensão**, v. 28, n.2, p.35-43, 2023.
- LEITE, J. C., NEVES, J. C. J.; VITOR, L. G. V.; FUJISAWA, D. S. Controle postural em crianças com Síndrome de Down: avaliação do equilíbrio e da mobilidade funcional. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 173-182, 2018.
- SCHWARTZMAN, J. S. Síndrome de Down. São Paulo: **Memnon: Mackenzie**, v.2, 2003.